

PERSONAGENS FEMININAS: A MEMÓRIA COMO EIXO NARRATIVO EM SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Thainara Ubinski
Fidelainy Sousa Silva

INTRODUÇÃO: Este trabalho aborda as personagens femininas em *Solitária* (2022), de Eliane Alves Cruz, com foco nas experiências de Eunice e Mabel, investigando como suas experiências, mesmo que solitárias, estão ancoradas na memória, no corpo e na ancestralidade negra. A relevância deste estudo reside no que diz respeito à construção de subjetividades femininas negras e as formas de resistência presentes na narrativa. Essas personagens, considerando o papel estruturante da memória, o corpo como espaço de incidência do racismo estrutural e a ancestralidade como elemento que orienta processos de reorganização subjetiva. A memória da mãe e da filha estrutura a narrativa, mostrando suas experiências a partir das experiências vividas no quarto da empregada, espaço da “solitária”, mas também a partir dos impactos da relação direta com a patroa da casa. São muitos aspectos que atravessam a subjetividade das personagens e quase sempre o contexto apresenta sentimento de culpa, a internalização da violência cotidiana e a privação de liberdade plena. Tanto Eunice, quanto Mabel passam por um amadurecimento precoce. É a falta de acesso à subsistência mínima e garantias trabalhistas que as colocam desde a infância em situações de opressão, silenciamento e maus tratos. Se de um lado tais questões atravessam subjetivamente a filha, do outro a mãe é marcada pela culpa e pelo peso emocional de precisar aceitar as dinâmicas, em nome da sobrevivência. Para essa análise, utilizam-se os conceitos de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, para pensar como a narrativa traz experiências negras femininas marcadas pela memória e pela coletividade, e de *tempo espiralar*, de Leda Maria Martins, para compreender como passado, presente e ancestralidade se cruzam na trajetória das personagens e influenciam seus modos de existir e resistir.

METODOLOGIA: Esta é uma pesquisa qualitativa, de abordagem bibliográfica, centrada na análise do corpus literário *Solitária*. Como principal marco teórico, temos o conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2022), que articula vivência individual e coletiva das personagens Eunice e Mabel. Além disso, seguimos em busca do *tempo espiralar*, proposto por Leda Maria Martins (2021), que compreende a experiência negra marcada por retornos e reinscrições. A partir desses referenciais, estivemos diante de uma leitura crítica da obra, com foco no papel da memória na composição das personagens femininas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Em *Solitária*, identificamos uma narrativa atravessada por memórias, silêncios e experiências de solidão. Na primeira etapa da análise, a solidão é lida como uma experiência coletiva negra, vinculada às condições de vida no pós-abolição no Brasil. Em seguida, para percebermos a construção em torno do tempo da narrativa, usamos alguns trechos como “durou uma eternidade”, para evidenciar a dilatação do tempo e a ruptura com a lógica cronológica linear, não apenas de uma cena, mas de um tempo ancestral que acolhe as personagens, ora

em sua defesa, ora em contrário. Ao analisarmos como as personagens operam deslocamentos em busca de revolta contra o sistema racista, classista e machista é como se toda a estrutura do prédio em que elas residem estivesse ruindo e de certo modo desabando. Esse desmoronamento simbólico acompanha o processo de ruptura interna das personagens, sugerindo que a tomada de consciência sobre a violência estrutural também implica o colapso das estruturas sociais que sustentam essa opressão. O quarto da empregada ou a “solitária” em que as personagens vivem, funciona como um organismo vivo, ao mesmo tempo que as abraça, dando mínimo de aconchego e de privacidade, também é o mesmo quarto que oprime e destrói suas vidas. A consciência de Mabel acerca dessa opressão constrói-se gradualmente ao longo da narrativa, como se evidencia no trecho: “...eu e mamãe continuávamos ali, na gaiola dourada do edifício Golden Plate. Éramos pássaros dentro de um viveiro luxuoso, mas uma jaula deixa de ser a vilã da liberdade só porque é pintada de dourado?”(p. 69). A metáfora da “gaiola dourada” explicita a percepção crítica da personagem sobre a falsa aparência de conforto e privilégio que mascara estruturas sociais e racistas. Aqui entra a ancestralidade negra, o elemento coletivo deixado pelas comunidades negras para seus descendentes, ela instaura a temporalidade espiralar, articulando passado, presente e futuro, projetando em “solitária filha” e “solitária mãe” caminhos possíveis de existência que não estejam dentro da opressão. Além disso, mobilizamos o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, para compreender a escrita literária de mulheres negras como escrita de memória. Aqui atribuímos ao fazer ficcional reposicionando a personagem feminina negra como sujeito central. Até o momento, os resultados indicam que a obra de Eliane Alves Cruz, ao se estruturar pelo fio da memória, contribui para a ruptura de padrões opressores e para a valorização de experiências negras na literatura contemporânea.

Palavras-chave: literatura contemporânea; mulheres negras; escrevivência; memória

REFERÊNCIAS:

- CRUZ, Eliane Alves. Solitária. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivência: a escrita de nós. Belo Horizonte: Editora Malê, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.